

Preparatório ENEM

LITERATURA



faculdade
cultura
inglesa





AULA 2

- TROVADORISMO
- HUMANISMO
- CLASSICISMO



Para compreender a literatura brasileira é fundamental conhecer as origens da literatura portuguesa, que influenciou a nossa produção literária. Com origens no século XII, a literatura portuguesa teve seus primeiros registros em galego-português, devido à integração cultural e linguística entre Portugal e Galiza, região na península Ibérica que hoje pertence ao território espanhol.

Por questões didáticas, assim como na literatura brasileira, a literatura portuguesa também foi dividida em escolas literárias, cujos autores relacionam-se por aproximação estilística e ideológica.



TROVADORISMO (1189-1418)

A primeira escola literária da literatura portuguesa – o **TROVADORISMO (1189-1418)** – iniciou-se na idade média, em meio ao feudalismo, durante a consolidação de Portugal como reino independente de Leão. Em 1198 (ou 1189), o trovador (poeta) Paio Soares de Taveirós produziu o primeiro texto escrito da língua portuguesa: a cantiga **Ribeirinha** ou **Cantiga de Guarvaia**, inspirada na dama da corte Maria Pais Ribeiro, a favorita do rei D. Sancho Primeiro.

Os textos poéticos dessa época eram ‘cantados’ em feiras, aldeias e castelos acompanhados de música e dança e, portanto eram chamados de **CANTIGAS**. Os trovadores geralmente pertenciam à pequena nobreza (barões, viscondes e cavaleiros) e compunham letra e música das cantigas para serem apresentadas pelos jograis ou menestréis que eram de condição social inferior aos trovadores.



TROVADORISMO (1189-1418)

O tema mais constante da poesia trovadoresca foi o **amor impossível**, onde a dama cortejada ou era casada ou pertencia a uma classe social superior à do trovador. O amor nunca se realizava, a cantiga exaltava as virtudes da **mulher inatingível**, era um relacionamento semelhante ao que acontecia entre o senhor feudal e seus servos. Assim como o servo deveria servir ao seu senhor, o trovador seria o vassalo da mulher desejada - **vassalagem amorosa**. O servilismo do trovador em relação à dama representa o amor educado e comedido.

A poesia trovadoresca divide-se em: **poesia lírico-amorosa** (cantigas de amor e cantigas de amigo) e **poesia satírica** (cantigas de escárnio e cantigas de maldizer)



CARACTERÍSTICAS DA POESIA LÍRICO-AMOROSA:

Cantigas de amor	Cantigas de amigo
Ambiente palaciano: trovador se dirige a dama da corte	Ambiente rural: a mulher é sempre uma camponesa
Eu-lírico masculino: o trovador que fala a sua senhor (dama) sem revelar o nome.	Eu-lírico feminino: apesar de serem escritas por homens, as cantigas exprimem o sentimento feminino – é a mulher (camponesa) que sofre por estar separada do amigo (amante ou namorado)
Tema central – sofrimento pelo amor não correspondido. Tom pessimista – amor cantado é impossível de ser concretizado.	Tema central – saudade. Tom otimista – apesar de cantar a saudade trata-se de um amor que é real e ocorre entre pessoas de condição social semelhante.
Idealização da mulher – identificada por suas qualidades físicas, morais e sociais. O eu-lírico compara sua dama a outras da mesma corte e a apresenta como superior.	Presença de outras personagens com as quais o eu-lírico feminino dialoga: mãe, amigas, flores etc.



CARACTERÍSTICAS DA POESIA SATÍRICA:

Cantigas de escárnio	Cantigas de maldizer
<p>O trovador critica alguém indiretamente – sátiras veladas que não citam o nome da pessoa ridicularizada. Críticas por meio de palavras de duplo sentido, ironias e trocadilhos.</p>	<p>O trovador critica alguém de modo explícito – dando nome ao ofendido. Faz uso de linguagem ofensiva, com um tom grosseiro, com palavras de baixo calão.</p>
<p>Cantigas que ridicularizam as fraquezas dos nobres – homens e mulheres.</p>	<p>Cantigas que relatam os vícios, indiscrições amorosas de nobres, membros do clero, e burgueses afidalgados.</p>



TROVADORISMO (1189-1418)

1- O poema abaixo é uma típica **cantiga de amor**. O Eu-lírico masculino está sofrendo, pede a Deus para poder ver sua amada (*dona, senhor*), quer falar com ela, mas sabe que não poderá e deseja a morte. (*mostrade-me-a algo possa con ela falar, se non dade-me-a morte*).

A dona que eu am'e tenho por Senhor

A dona que eu am'e tenho por Senhor
amostra-me-a Deus, se vos en prazer for,
se non dade-me-a morte.

A que tenh'eu por lume d'estes olhos
meus
e porque choran sempr(e)
amostra-de-me-a Deus,

se non dade-me-a morte.

Essa que Vós fezestes melhor parecer
de quantas sei, a Deus, fazede-me-a
veer,

se non dade-me-a morte.

A Deus, que me-a fizestes mais amar,
mostrade-me-a algo possa con ela falar,
se non dade-me-a morte.

(Bernardo de Bonaval)



TROVADORISMO (1189-1418)

2- **Cantiga de amigo** composta pelo Rei D. Dinis de Portugal. Como autor é o mais fecundo de todos os trovadores portugueses, com um total de 137 composições.

Eu-lírico feminino dirige-se às flores perguntando se sabem notícias do amado, com quem teria combinado um encontro. Marcada pela ansiedade a mulher pensa que o amado faltará ao combinado. Nas últimas estrofes as flores respondem que o amado virá e cumprirá o prometido.



TROVADORISMO (1189-1418)

Ai flores, ai flores do verde pinho,
se sabedes novas do meu amigo?

Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?

Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo?

Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que mi há jurado?

Ai Deus, e u é?

Vós me perguntardes polo voss'amigo,
e eu bem vos digo que é sã'e vivo.

Ai Deus, e u é?

Vós me perguntardes polo voss'amado,
e eu bem vos digo que é viv'e são.

Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é sã'e vivo
e seera vosc'ant'ó prazo saído.

Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é viv' e são
e seera vosc'ant'ó prazo passado

Ai Deus, e u é?



TROVADORISMO (1189-1418)

3- **Cantiga de escárnio** – o trovador promete falar em sua poesia de uma mulher que reclamou dele por nunca tê-la citado em suas cantigas. Crítica indireta, pois não temos o nome da mulher: *“Ai dona fea, foste-vos queixar”*. Uso da ironia: *“mais ora quero fazer um cantar em que vos loarei toda via;”* O trovador ‘canta’ a mulher, mas a chama de feia, velha e louca: *“dona fea, velha e sandia!”*

Ai, dona fea, foste-vos queixar
que vos nunca louv[o] em meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!...

(Joan Garcia de Guilhade)



TROVADORISMO (1189-1418)

4- **Cantiga de maldizer** - composição de linguagem bastante crua. A cantiga fala de um presente que o trovador envia para uma abadessa: um conjunto de "objetos de consolação" (caralhos franceses), ricamente adornados. A composição toma maliciosamente a forma de um bilhete cortês acompanhando a oferta, com o nome do "servidor" logo no segundo verso (Dom Fernand'Esquio)



TROVADORISMO (1189-1418)

A vós, Dona abadessa,
de mim, Dom Fernand'Esquio,
estas doas vos envio,
porque sei que sodes essa
dona que as merecedes:
quatro caralhos franceses
e dous a prioressa.
Pois sodes amiga minha
nom quer'a custa catar,
quero-vos já esto dar
ca nom tenho al tam aginha:

quatro caralhos de mesa
que me deu ãa burguesa,
dous e dous ena bainha.
Mui bem vos semelharám
ca sequer levam cordões
de senhos pares de colhões;
agora vo-los darám:
quatro caralhos asnaes,
enmanguados em coraes
com que calhedes a mam.

As cantigas foram preservadas graças às coletâneas manuscritas chamadas **cancioneiros**. As principais são: *Cancioneiro da Ajuda*, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e *Cancioneiro da Vaticana*.



PROSA MEDIEVAL:

A passagem de uma estrutura feudal para uma economia mercantil, a criação das primeiras universidades, a valorização da vida cortês, a permanência do espírito guerreiro e a influência da igreja foram responsáveis pelo declínio da poesia trovadoresca e prepararam o aparecimento da prosa em Portugal (séculos XIII e XIV).

Os tipos de textos produzidos nesse período são:

- **CRONICÕES:** relatos romanceados em ordem cronológica de acontecimentos históricos e sociais ligados a vida dos nobres e dos reis.
- **NOBILIÁRIOS:** livros de linhagens onde se registravam nascimentos, casamentos e mortes de uma determinada família nobre.
- **HAGIOGRAFIAS:** relatos sobre a vida dos santos.
- **NOVELAS DE CAVALARIA:** relatos de combates entre heróis e infiéis ou vilões.



PROSA MEDIEVAL:

As **novelas de cavalaria** estão organizadas em três ciclos:

- CICLO CLÁSSICO – envolve heróis da mitologia greco-romana, narrativas sobre a guerra de Troia e as aventuras de Alexandre, o Grande.
- CICLO CAROLÍNGIO OU FRANCÊS – aventuras do rei Carlos Magno e seus guerreiros.
- CICLO ARTURIANO OU BRETÃO – narrativas sobre o Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda; apresentam muitos núcleos temáticos, como a história de Tristão e Isolda, história de Percival, a busca pelo Santo Graal. As novelas *Amadis de Gauda* e *A Demanda do Santo Graal* foram as preferidas dos portugueses.



HUMANISMO (1418 -1527)

A segunda escola literária da literatura portuguesa – o **HUMANISMO** (1418 - 1527) surge como questionamento do **teocentrismo** medieval (Deus como o centro do universo) e a afirmação do potencial do ser humano em conduzir seu próprio destino, tendo a razão e a sabedoria dos clássicos como guias – **antropocentrismo** (o homem como centro do universo). O Humanismo tem início no ano de 1418 com a nomeação do historiador **Fernão Lopes** ao posto de guarda-mor da Torre do Tombo (lugar onde se guardavam documentos da história de Portugal). Em 1450 houve a **invenção da imprensa** pelo alemão Gutemberg facilitando a reprodução de obras que estabeleceria um maior intercâmbio cultural na Europa. Além disso, o desejo de expandir o comércio foi responsável pelo **impulso das navegações** em Portugal. O infante D. Henrique, mestre de Avis, fundou a Escola de Sagres, onde se formavam navegadores com conhecimento que envolvia geografia, matemática e astronomia.



HUMANISMO (1418 -1527)

Nesse período surgem textos mais aprimorados de autores que conhecem o latim clássico, desenvolvem-se a **prosa** (historiografia), a **poesia palaciana** e o **teatro popular** (Gil Vicente).



Gil Vicente – Lisboa - Portugal



HISTORIOGRAFIA:

Fernão Lopes (Guarda-mor da Torre do Tombo), considerado o introdutor da historiografia em Portugal, é o principal representante do gênero. Sua obra contém ironia e crítica à sociedade portuguesa. Das sete crônicas que teria escrito apenas três foram conservadas:

- *Crônica de El-Rei D. Pedro I* – relata e critica fatos ocorridos no reinado de D. Pedro I, incluindo o assassinato de Inês de Castro, amante do imperador.
- *Crônica de El-Rei D. Fernando* – relata fatos ocorridos desde o casamento de D. Fernando com Dona Leonor Teles até a Revolução de Avis.
- *Crônica de El-Rei D. João* – contém duas partes: 1 – A partir da morte de D. Fernando (1383) até a ascensão de D. João I ao trono. 2- reinado de D. João até 1411.

Fernão Lopes era diferente dos outros cronistas da época porque além de relatar as façanhas de reis, nobres e cavaleiros ele levava em conta o **papel do povo**, relatando os movimentos populares, daí seu espírito humanista.



POESIA PALACIANA:

O conjunto de poemas que ficou conhecido como **poesia palaciana** trata-se de composições coletivas criadas para serem apresentadas nos serões do Paço Real.

Muitos desses poemas estão reunidos no **Cancioneiro Geral** (1516) por Garcia Resende.

O **amor** é tratado de forma mais sensual e a mulher já não é tão idealizada quanto no trovadorismo. Como os poemas passam a serem lidos e não cantados devido a introdução da imprensa em Portugal, a **linguagem passa a ser mais rica e elaborada para dar musicalidade ao poema.**



TEATRO POPULAR:

Considerado o Pai do teatro português, **Gil Vicente** também foi músico, ator e encenador. Sua obra trata de muitos temas, sempre com uma abordagem caracterizada pela transição entre a Idade Média e o Renascimento. Ou melhor, transição entre o pensamento teocêntrico (marcado por elementos da religião, como céu e inferno) e o pensamento humanista (marcado pelo antropocentrismo e racionalismo).

Em suas peças Gil Vicente denuncia os **vícios da sociedade portuguesa** do século XVI; os personagens são tipos populares que representam comportamentos inadequados como, por exemplo, um padre que tem amantes, um velho libidinoso, um fidalgo prepotente, um agiota, etc.



TEATRO POPULAR:

A obra de Gil Vicente pode ser dividida em:

- **Autos pastoris** – peças em que se destacam os temas bucólicos. *Monólogo do Vaqueiro.*
- **Autos de moralidade** – peças que visam à transmissão de preceitos religiosos. *Auto da Alma, trilogia das barcas (Auto da Barca do Inferno, Auto da Barca da Glória e Auto da Barca do Purgatório).*
- **Farsas** – sátiras a personagens típicos da sociedade. *A Farsa de Inês Pereira, O Velho da Horta.*
- **Autos cavaleirescos** – seguem a tradição das novelas de cavalaria. *Amadis de Gaula.*
- **Alegorias de tema profano** – peças com elementos da mitologia greco-romana. *Cortes de Júpiter.*



CLASSICISMO (1527 - 1580)

O **Renascimento** foi uma decorrência natural do Humanismo. O termo **Renascimento** vem do interesse que artistas e pensadores dessa época têm pela arte, cultura e pensamentos da Antiguidade clássica. O fascínio pela vida das cidades e o desejo de desfrutar os prazeres que o dinheiro podia proporcionar levaram a sociedade renascentista a cultivar cada vez mais os valores terrenos. O ser humano e não Deus é o centro dessa nova visão. As obras de arte de Michelangelo, Leonardo da Vinci, Botticelli e Rafael refletem o esplendor da forma humana como medida da perfeição total.

O Renascimento, em literatura, recebeu o nome de **Classicismo**. Em Portugal o marco do início dessa escola literária é o retorno da Itália do poeta **Sá de Miranda** em 1527, trazendo inovações literárias como, por exemplo, o soneto com a métrica de 10 sílabas (versos decassílabos). E o término do classicismo em Portugal é a morte de Camões em 1580 e a transferência do governo de Portugal a uma junta de governadores espanhóis até a dinastia de Habsburgo assumir o reino de Portugal e Castela ao mesmo tempo.



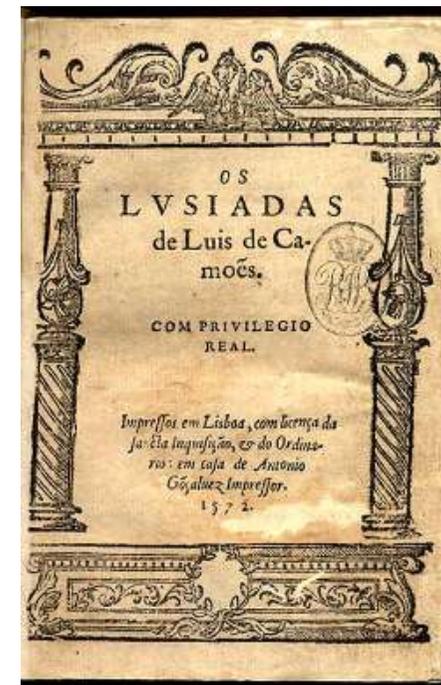
CARACTERÍSTICAS DO CLASSICISMO

- Retomar os modelos da Antiguidade clássica.
- Adotar a razão como parâmetro de observação e interpretação da realidade.
- Afirmação da superioridade humana (antropocentrismo).
- Valorização do esforço individual.

Nesse período o escritor português de maior relevância foi **Luís de Camões** (1524 -2580). Camões frequentou muito a Corte, fez poemas para as damas e teve muitos amores, alguns ilícitos. Seguiu a carreira militar, foi para o norte da África (Ceuta), perdeu olho direito combatendo os mouros. Em 1572, publicou *Os Lusíadas* (mais importante epopeia em língua portuguesa), dedicando-o ao rei D. Sebastião. Camões soube harmonizar tradição e inovação, saber letrado e experiência de vida, mitologia e cristianismo.

PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CAMÕES:

- Poesia lírica: *Rimas*
- Poesia épica: *Os Lusíadas*
- Teatro: *Anfitriões*; *Auto de El-Rei Seleuco*; *Auto de Filodemo*.
- Cartas: 4 volumes.





OS LUSÍADAS:

Obra estruturada em dez cantos, num total de 1102 estrofes e 8816 versos, todos decassílabos. Conta a história de Portugal, tendo como assunto central a viagem de Vasco da Gama às Índias. Os dez cantos são divididos em cinco partes:

- **Proposição** – (canto I – estrofes 1 a 3) – o assunto do poema - elogio aos heróis portugueses que fundaram a nacionalidade e a ampliaram com as navegações.
- **Invocação** – (canto I – estrofes 4 e 5) – o poeta pede inspiração às Tágides, ninfas do rio Tejo, para compor o poema.
- **Dedicatória** – (canto I – estrofes 6 a 18) – o poeta dedica o poema ao rei D. Sebastião.
- **Narração** – (Canto I – estrofe 19 até canto X – estrofe 144) – narração da viagem de Vasco da Gama e a história de Portugal.
- **Epílogo** – (canto X – estrofes 145 até 156) – o tom é de desilusão – fecho dramático a respeito da cobiça; Camões parece prenunciar a derrocada de Portugal.



REFERÊNCIAS:

ABAURRE, M. & PONTARA, M. **Literatura: tempos, leitores e leituras**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2015.

CAMPEDELLI, S. & SOUZA, J. **Literaturas brasileira e portuguesa: teoria e texto**. São Paulo: Saraiva, 2003.

OLIVEIRA, A. & REIS, B. **Manual compacto da literatura portuguesa**. São Paulo: Rideel, 2010.

OBRIGADA! 😊



faculdade
cultura
inglesa

